

Expresso	Periodicidade:	Semanal	Temática:	Sociedade
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	220 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/PB
	Tiragem:	167000	Página (s):	12

21-10-2006

Um voo que Amado não explica

Vinda a Lisboa do avião envolvido no sequestro do imã de Milão poderá ter servido para encontros secretos com o Ministério da Defesa em Maio de 2005

Uma nota incluída no relatório sobre os voos da CIA entregue esta semana pelo ministro Luís Amado à Comissão Parlamentar dos Negócios Estrangeiros põe em xeque a sua própria posição enquanto antigo ministro da Defesa — antes de ter substituído Freitas do Amaral, em Junho deste ano —, ao levantar dúvidas sobre uma eventual relação do seu ministério com a agência dos serviços secretos norte-americanos no período em que ocupava aquele cargo.

A nota foi escrita à mão e faz parte de um pedido urgente de autorização de aterragem no aeroporto da Portela enviado por fax a 12 de Maio de 2005 para o

Instituto Nacional de Aviação Civil (INAC). A informação está endereçada a um funcionário e expõe o motivo da visita de dois dias a Lisboa: “Agradeço aprovação pois é uma deslocação urgente para encontros com o Ministério da Defesa”.

Contactado pelo Expresso, o operador que assina a nota, Fernando Monteiro, começou por

admitir que era possível a informação ser verdadeira, para dizer num segundo telefonema, horas depois, que não se recordava de ter escrito a nota manuscrita. “Faço 300 voos por ano”.

O voo não foi classificado como de Estado — o que seria o procedimento normal — mas foi antes registado como viagem comercial (táxi aéreo), a pretexto de negócios. Os contornos evidenciados pela meia dúzia de documentos técnicos desse voo a Lisboa vão ao encontro do que a imprensa internacional de referência tem descrito como a prática habitual de actuação da CIA em missões secretas no estrangeiro, movimentando-se com a camuflagem de voos civis.

Tanto mais que o avião em causa, um

Gulfstream IV, transportou uma equipa da CIA com o prisioneiro Abdurahman Khadr em Novembro de 2003 de Guantánamo para a Bósnia, com paragem em Santa Maria (que o Expresso revelou a 9 de Setembro, ao entrevistar Khadr).

E é também o mesmo avião que a justiça italiana identificou como estando envolvido no rapto do imã de Milão, Abu Omar, a 17 de Fevereiro de 2003, levando à emissão de mandados de captura contra agentes norte-americanos da CIA e contra elementos dos serviços secretos militares italianos, que colaboraram na operação de sequestro. Abu Omar acabaria por ser transferido nesse Gulfstream IV para o Egipto, onde foi torturado e mantido preso. O seu paradeiro actual não é conhecido.

Os documentos técnicos relativos ao voo efectuado pelo Gulfstream IV em Maio do ano passado não referem a CIA, mas o cruzamento de dados contidos no relatório do MNE traz a lume mais uma coincidência interessante: o piloto que veio a Lisboa, Jim Colton, estava também aos comandos da aeronave na noite em que ela passou por Santa Maria, vinda de Guantánamo com Abdurahman Khadr a bordo.

Outros factos que o Expresso apurou, entretanto, adensam o

mistério à volta do voo. O avião veio de Bedford (a poucos quilómetros de Boston), nos Estados Unidos, aterrou a 15 de Maio na Portela, largou cinco passageiros e foi para Tires, onde esteve estacionado por falta de condições em Lisboa, embarcando novamente os passageiros na Portela no dia seguinte, antes de regressar a Bedford. Uma fotografia tirada por um «plane spotter», Alexandre Pontes, enquanto o jacto estava estacionado em Tires, dá para perceber na cauda do avião o logotipo da equipa de baseball Boston Red Sox. E, de acordo com o «site» oficial do clube, três elementos estiveram de facto presentes nessa data no Estoril para a cerimónia dos Laureus World Sports Awards, incluindo o vice-presidente Phil Morse. Iriam os três a bordo do avião? E se iam, quem seriam os outros dois passageiros?

O dono do Gulfstream IV é precisamente Phil

Morse, através da empresa Assembly Point Aviation. O diri-

gente dos Red Sox admitiu o uso regular da aeronave pela CIA, afirmando que a agência costuma alugá-la a uma operadora de «charters» para as suas missões. Morse confessaria

o seu espanto ao jornal «Boston Globe» quando confrontado em Março do ano passado com o tipo de operações em jogo, incluindo dezenas de voos para Guantánamo. Por outro lado, Morse é amigo pessoal de George Bush pai, sendo que o ex-presidente dos EUA já viajou no avião com ele.

O relatório do MNE não dedica uma linha nas suas considerações finais a explorar estes factos, o que não impediu Luís Amado de desafiar os deputados da Comissão dos Negócios Estrangeiros para que provem a existência de voos ilegais da CIA em Portugal e a convicção do Governo. Ao que Fernando Rosas, do Bloco de Esquerda, respondeu: “O ónus da investigação não é nosso”.

MICAEL PEREIRA



ma
ser
gei
ust
CL
co:
dc

do
opi
zer



Expresso	Periodicidade:	Semanal	Temática:	Sociedade
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	220 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/PB
	Tiragem:	167000	Página (s):	12

21-10-2006

habitual de actuação da CIA em missões secretas no estrangeiro, movimentando-se com a camuflagem de voos civis. Tanto mais que o avião em causa, um

zamento de dados contidos no relatório do MNE traz a lume mais uma coincidência interessante: o piloto que veio a Lisboa, Jim Colton, estava também aos comandos da aeronave na noite

ce-presidente Phil Morse. Iriam os três a bordo do avião? E se iam, quem seriam os outros dois passageiros? O dono do Gulfstream IV é precisamente Phil

sas, do Bloco de Esquerda, respondeu: "O ônus da investigação não é nosso".
MICAEL PEREIRA

